

capa

SÉRIE DE IMPRESSÕES
FEITAS EM SCANNER DE
PARTES DO MEU CORPO

_VIRILHA

#QUARENTENA
SER/ESTAR SENDO
INTRODUÇÃO AO CORPO CONFINADO

dossiê

uma outra
possibilidade
de existir

_ GÊNERO
_ MÍDIA
_ ARTE

ANOTAÇÕES_
REGISTROS_
ESBOÇOS_

caderno
especial

RESUMO: Esta publicação é uma proposição experimental como texto de conclusão de curso de graduação em Artes Visuais. Inspirada em revistas e panfletos ativistas, como ferramenta política de propagação e circulação de informações, reúne alguns pensamentos e teorias que atravessam uma série de trabalhos autorais. Configura-se também como um portfólio expandido, dividido em três cadernos.

O primeiro caderno é uma manifestação ao contexto pandêmico atual. Intitulado *Dossiê/Quarentena - ser e estar sendo - introdução ao corpo confinado*, nesse caderno expressei meus pensamentos e apresento uma série de autorretratos fotografados durante as primeiras três semanas de março de 2020, durante a quarentena do covid-19.

O segundo, é o caderno principal, *Uma outra possibilidade de existir*, em que ao longo do texto abordo questões relacionadas a gênero, mídia e arte. Refletindo sobre corpo, imagem e representação, levanto algumas teorias e reflexões que perpassam questionamentos sobre existir no mundo que se relacionam com os trabalhos apresentados. Ao longo do texto há códigos QR para acessar os trabalhos em vídeo. O terceiro caderno é uma editoração experimental de um acúmulo de imagens, colagens, anotações e esboços de cadernos escaneados.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; gênero; mídia; arte.

Alice Ferraro

1. QUARENTENA - SER / ESTAR SENDO





QUARENTENA



Escrevo durante uma pandemia mundial. **Inércia.** Continuo sendo. Meu corpo está preso, me sinto presa no tempo sem espaço além de um apartamento. Tempo e espaço, tudo parado. Sempre achei estranho chegar em algum lugar e não cumprimentar as pessoas com toque e afeto. Nesses dias de isolamento, sem tocar em outra pele, fico pensando nos limites do meu corpo. Percebo a importância do livre arbítrio e direito de ir e vir. Irônico escrever sobre corpos livres em plena quarentena. Confinada em meu próprio corpo, tenho que olhar e aprender a lidar comigo mesma. Enxergando meus medos, angústias e desejos. Aceitando meu corpo, minha pele e imperfeições. Durante o tempo em isolamento social estamos tendo a oportunidade de desligar o corpo do automático e olhar para dentro. Trabalhar o auto-conhecimento e perceber como somos sujeitos vivos e limitados. Agora percebo que vivia contra o tempo, não aproveitando os pequenos momentos do dia-a-dia.

Para começar, um chá para acalmar o corpo. Ou Talvez um café para botar uma pilha. Meu corpo pede. Meu corpo pede, quem sabe, uma água para hidratar os pensamentos. Sinto minha consciência corporal, sinto o que o corpo quer. E sinto também o que ele não quer. Percebo os limites do corpo, até onde posso ir e até onde podem chegar à mim. Guardo memórias corporais de sensações que tive quando pequena. Pertencimento, aceitação e acolhimento, três palavras fundamentais para estar no corpo. O modo de vida capitalista faz com que o corpo entre no automático, agindo no cotidiano, sempre lutando contra o tempo.



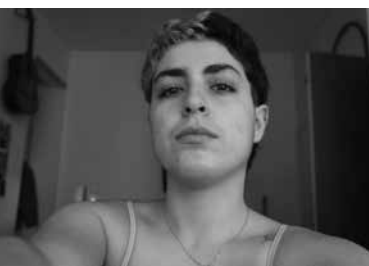
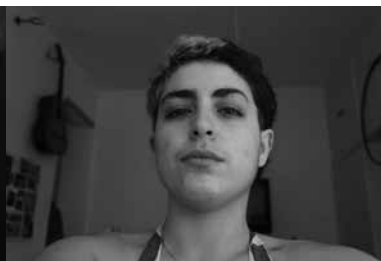
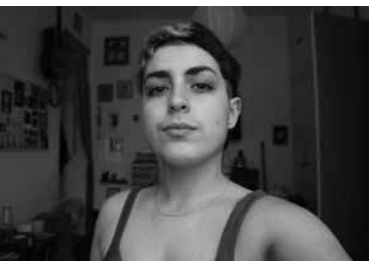
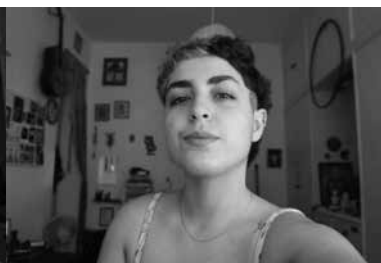
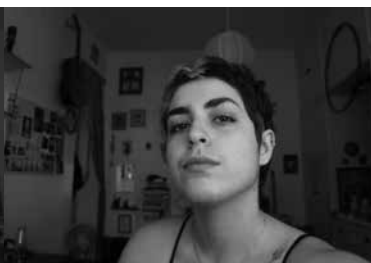
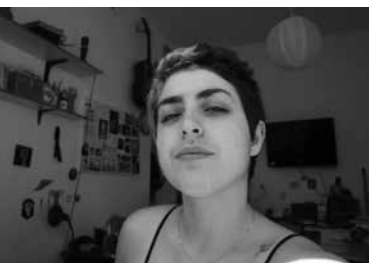
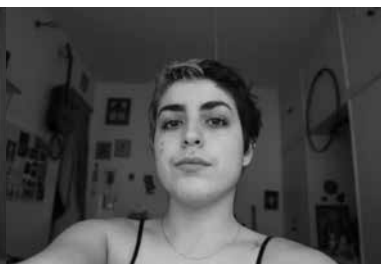
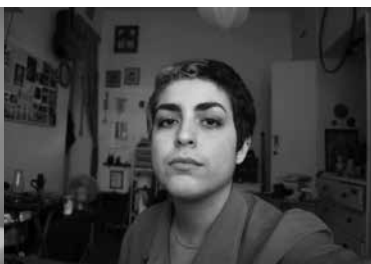
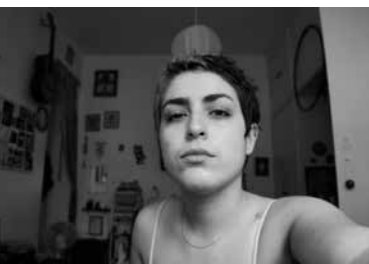
Como artista, minha metodologia é o contato;

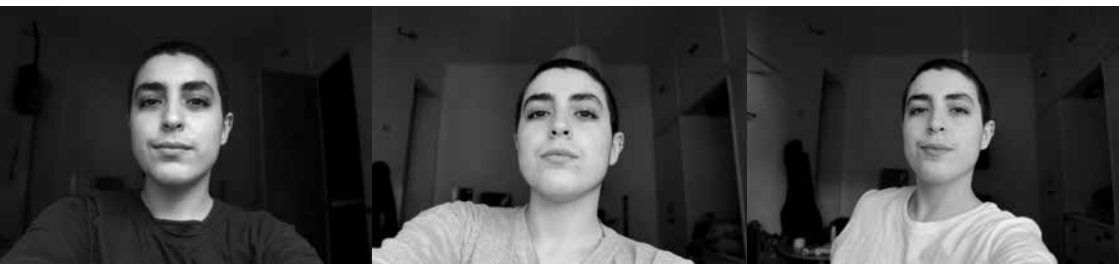
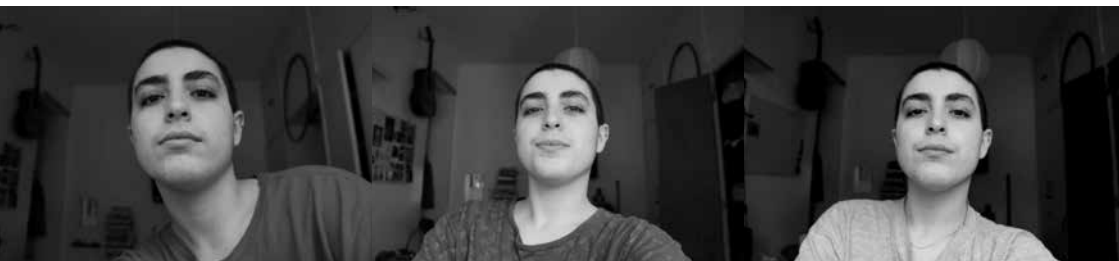
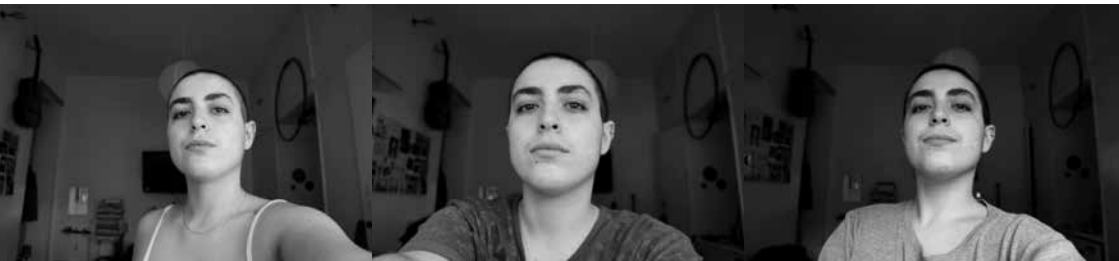
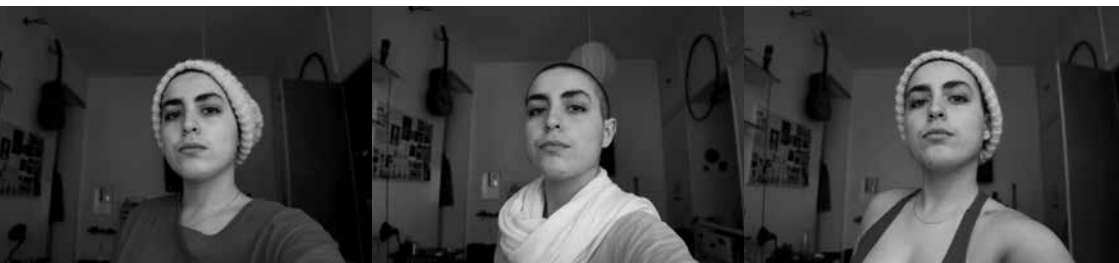
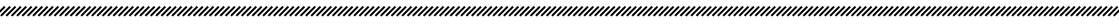
com o outro e comigo. Minha criatividade é despertada a partir do contato com sensações vividas pelo corpo, experiências, trocas e conversas. A maioria dos trabalhos aqui apresentados foram pensados a partir de práticas e estudos realizados durante o curso de artes visuais na federal do Rio de Janeiro. Exposições que participei e organizei foram pensadas em conjunto com outros artistas-pesquisadores e professores, percebendo o espaço da convivência como fonte de criatividade.

SER

ESTAR SENDO

Pensar um “fora” que se opõe ao “dentro” de si como um ato político. Fora está o outro, o mundo; dentro estou eu, demarcada pela fronteira da minha pele. Reflito sobre meu próprio corpo, como vejo o mundo e como sou vista por ele. Me expresso a partir de questionamentos sobre signõs prescritos sobre meu corpo, pensando em uma outra possibilidade de existir, refletindo sobre esteriótipos de modo de existência e produção de si. Corpo não é um fenomeno estático ou idêntico. Somos seres mutantes, evoluindo tecnologicamente. Questionamos os limites do que é permitido expor e o que se deve esconder quando utilizamos o corpo como arma política. Não somos apenas culturalmente construídos como também construímo-nos a nós mesmos.





Alguns dizem que depois da quarentena nada será como antes. No período de três semanas, após um mês quarentenada, me fotografei uma vez por dia, passando por processos e questionamentos de como apresento meu corpo no mundo. Mudo o cabelo como um ato de reinvenção e experimentação com minha aparência. Durante o processo de tirar uma foto por dia, raspei a cabeça e deixei de depilar os pelos do meu rosto. Um processo de libertação e mudanças, enquanto me mudo de casa, empacoto meus pertences e me preparo para um novo estilo de vida, longe do centro da cidade. Ao longo das fotografias é perceptível, além das mudanças no meu corpo, também as paredes se esvaziando e os objetos desvanecendo.



Alice Ferraro

2021

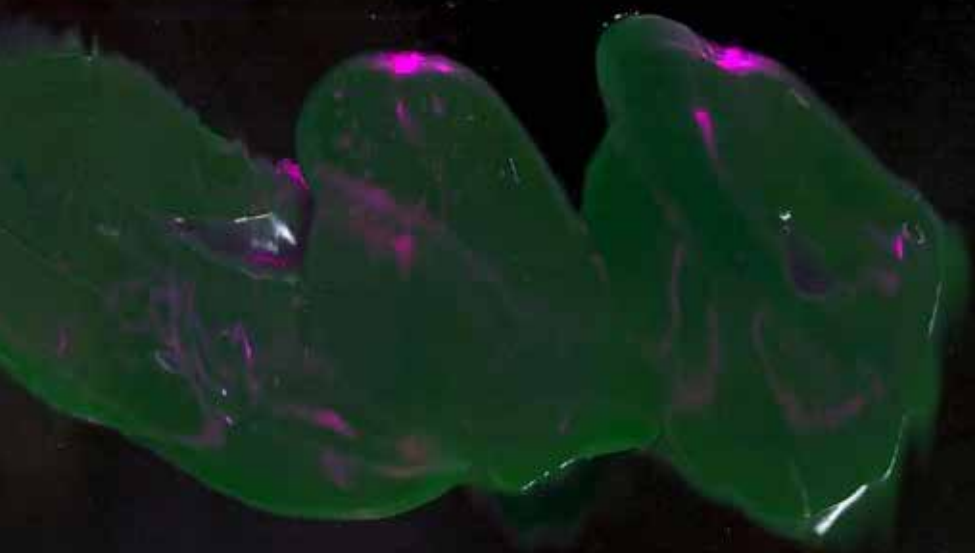
Orientadora

Dinah Oliveira

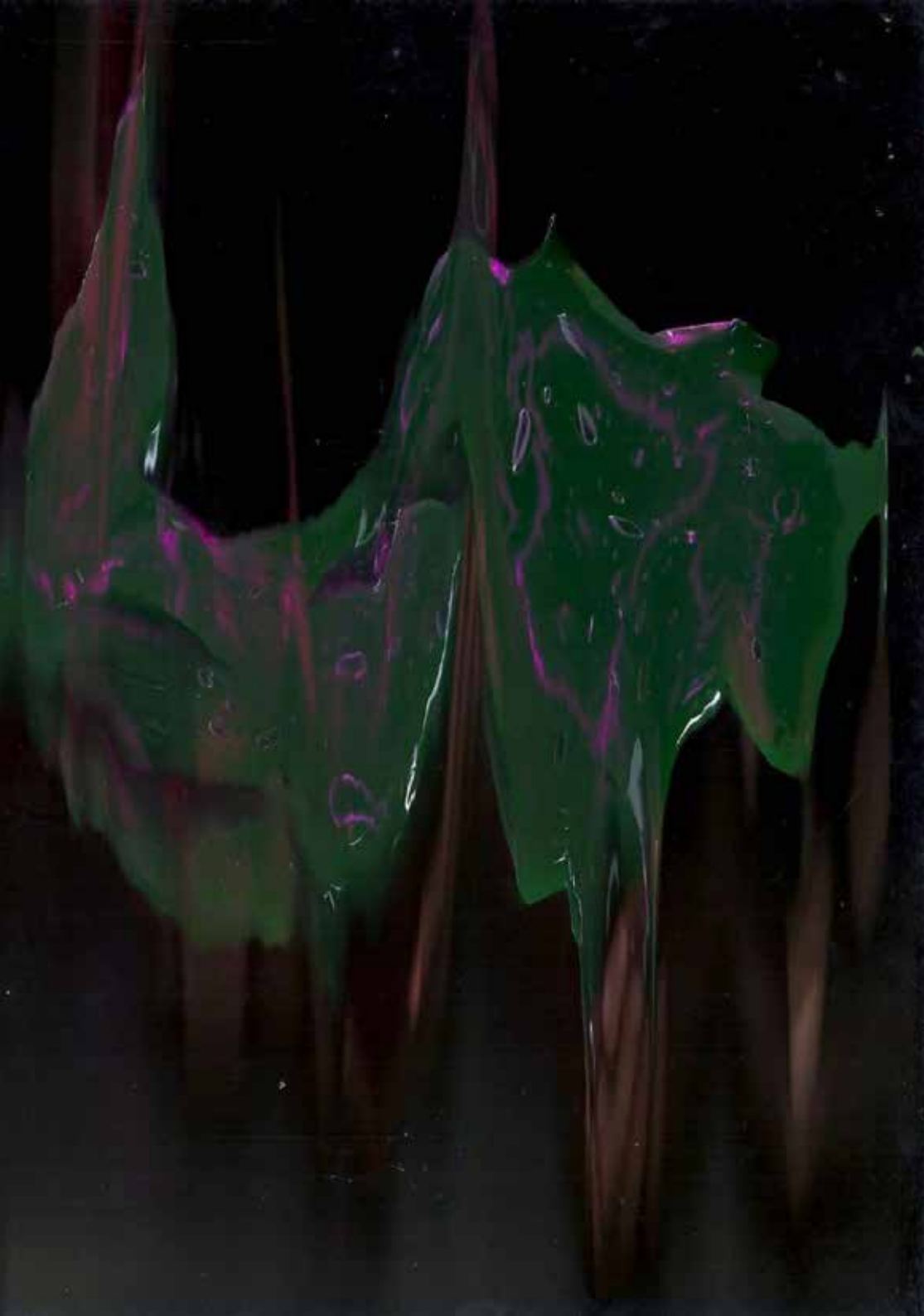
Banca

Beatriz Pimenta e Elisa Magalhães.

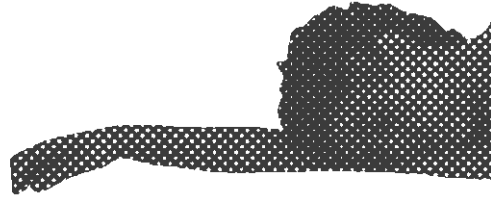
Texto apresentado como trabalho de conclusão do curso de graduação de Artes Visuais/ Escultura na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



2. UMA OUTRA POSSIBILIDADE DE EXISTIR







Corpo físico.

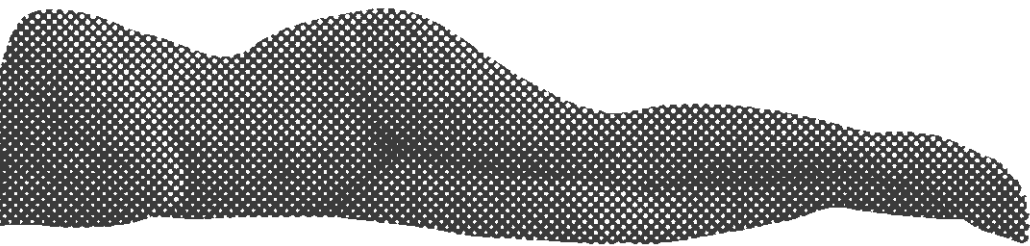
Físico como extenso, algo que ocupa um determinado lugar no espaço. Às vezes nos enganamos em relação ao volume de espaço que nossos corpos realmente ocupam. Às vezes também nos sentimos inadequados nos espaços que nos são impostos a ocupar. Penso a partir de questionamentos sobre meu próprio corpo, como vejo o mundo e como sou vista. Sobre normas e expectativas padronizadas para os corpos e como sou atravessada por elas. A sociedade dita normas culturais para espaços que os corpos devem ocupar. **Me refiro ao corpo como um signo sociocultural que produz diferentes discursos, como o espaço físico humano onde são aplicados códigos sociais, leis, e ideais.** A heteronormatividade constrói no imaginário coletivo social um juízo de valor sobre o que é esperado de uma pessoa de acordo com qual órgão sexual ela nasce. A definição de feminino e masculino carrega características culturais e regionais que delimitam a expressão de gênero de indivíduos.

“E eu não sou uma mulher?”

Sojourner Truth, ativista abolicionista, levantou essa questão em seu discurso feito em 1851, no Congresso de Direitos das Mulheres em Ohio, Estados Unidos (GELEDES, 2014). Sojourner é pioneira ao afirmar e questionar publicamente sobre mulheres que não se encaixam no arquétipo sócio econômico patriarcal ocidental, trazendo essa problematização que *mulher* não é, em si, uma categoria estável. A frase foi usada por Bell Hooks como título para seu primeiro livro lançado em 1981.

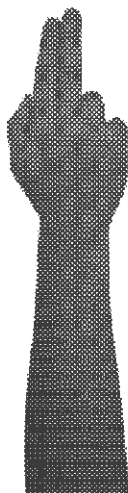
“Não se nasce mulher, torna-se.”

Simone de Beauvoir, no livro *O Segundo Sexo* (BEAUVOIR, 1949) já havia atentado para o fato de que o que faz uma pessoa mulher não é com qual genital no corpo ela nasce, mas uma série de construções sociais que definem papéis de gênero.



“Como indivíduos, também questionamos “mulher” que, para nós - como para Simone de Beauvoir - é apenas um mito. Ela afirmou: “Não se nasce mulher, torna-se. Não tem nenhum destino biológico, psicológico ou econômico que determine o papel que as mulheres representam na sociedade: é a civilização como um todo que produz esta criatura intermediária entre macho e eunuco, que é descrita como feminina”

WITTIG, Monique. Ninguém Nasce Mulher 1970.



A afirmação polêmica e provocativa “Lésbicas não são mulheres” (WITTIG, 1970) de Monique Wittig, vem do pensamento de Beauvoir, com quem Wittig dialogou em seu texto *Ninguém Nasce Mulher* (1970). Foi um marco para o debate de como enfrentar essa categoria universal “mulher”. A provocação de Wittig vai justamente nessa direção de mostrar a pluralidade do que é ser mulher como um gesto político.

RESISTÊNCIA E REINVENÇÃO



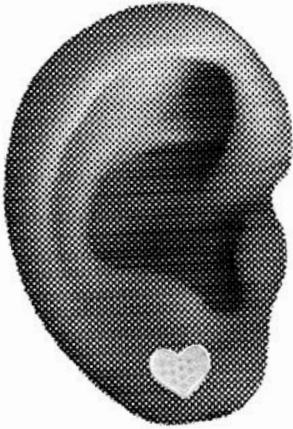
O capitalismo patriarcal é fundado na heteronormatividade. Para que ela exista, é necessária a criação de duas categorias, o que resulta na construção de papéis de gênero para os corpos. O feminino sempre foi subalternizado em qualquer corpo que ele esteja. Partindo desta suposição, significa que os gêneros e a heterossexualidade são construções sociais que não existem fora do sistema econômico que as produz e reproduz para sua própria sobrevivência.

A filósofa Judith Butler considera o conceito de gênero como algo performativo. (BUTLER, 1990) Fabricado culturalmente, uma performance repetida e reencenada de normas e significados estabelecidos socialmente que se legitimam pela imitação de convenções dominantes. Com toda essa pluralidade de modos de existir, reconhecemos a opressão em configurações variadas e em diferentes graus de intensidade, evidenciando o privilégio de alguns corpos sobre outros.

#rimelnobuço é um movimento online que dialoga com questionamentos sobre os limites e insuficiências das categorias de gênero pela incapacidade de suportar a diversidade existente.

#rimelnobuço
hashtag
2020

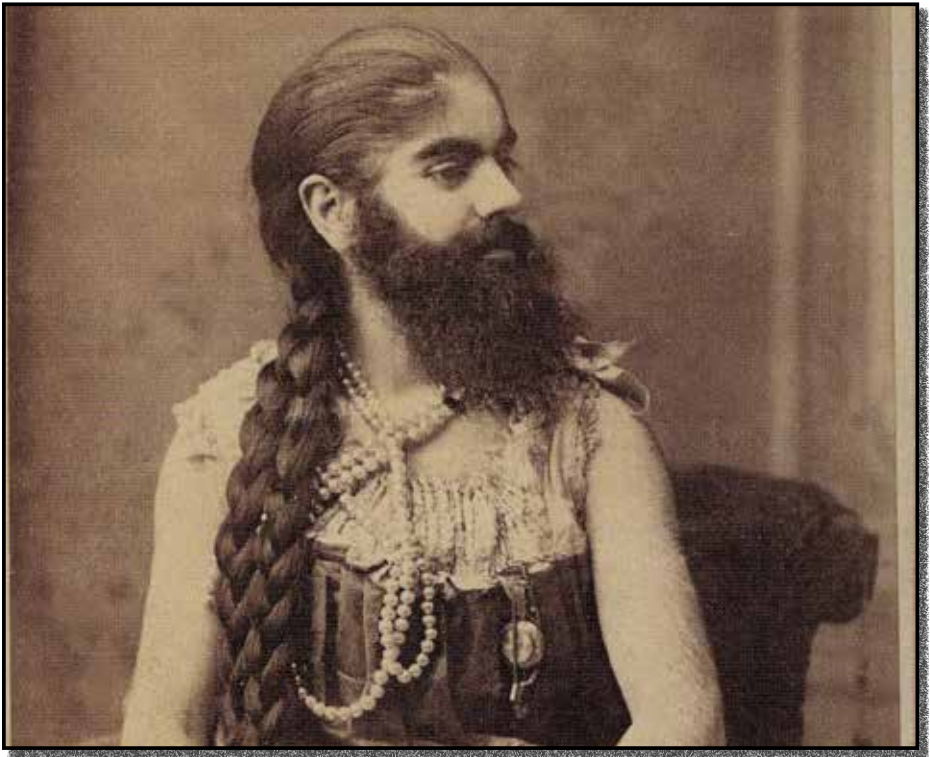




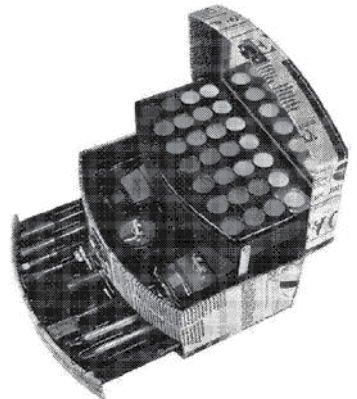
Como um corpo nascido e designado como feminino, em que ainda na maternidade tive a orelha furada como marcação de quem devo ser, ao passar rimel no meu buço sinto uma mudança na minha percepção de mim. Valorizando o que sempre fui negada a valorizar, sem a intenção de mudar de identidade, e sim me expandir com uma inscrição no corpo.

Lembro da história da mulher barbada. → A barba e o bigode sendo um símbolo de virilidade e masculinidade, ao aparecer em um corpo nascido com uma vagina, é considerado obsceno. Previamente consideradas como atrações circenses, curiosidades teratológicas ou aberrações humanas, atualmente podemos determinar como status de manifestação política contra os padrões de feminilidade vigentes.





Minha relação com maquiagem começou cedo como brinquedo na primeira infância, eu tinha uma “caixa de peruagem” como minha mãe chamava. Aos dez anos de idade fui morar na Inglaterra por quatro anos. Na escola meninas usavam quilos de base e rimel no rosto, coisa que no calor de quarenta graus do Rio de Janeiro é impossível pois tudo derrete. Sofri um choque cultural intenso. A partir do ano de dois mil e sete meu contato com os padrões estéticos coloniais se intensificaram enquanto viajava com minha família pelos museus e igrejas da Europa.





O trabalho intitulado *E.T.F.N.R* produzido em interlocução com *L.H.O.O.Q.* ← de Marcel Duchamp, foi pensado a partir da exposição Ingajá. Um projeto de intervenção no Museu do Ingá em Niterói, que propunha uma conexão entre os objetos históricos presentes no museu e a arte contemporânea. Para este trabalho, me detive em um cômodo do museu chamado Salão dos Governadores. Nas paredes do grande salão estão perfilados retratos pintados à óleo de políticos. Fotografei os quadros e fiz uma série de nove cartões postais nos quais a intervenção é uma maquiagem sobreposta aos rostos masculinos.

E.T.F.N.R.
série de cartões postais
2019





Alice Ferraro desdobra Marcel Duchamp em a Gioconda (1919) e a personagem de Rose Sélavy. A primeira é um ready-made “retificado” ou “ajudado”, que são os objetos cuja transformação admitia para além da assinatura do artista. Um dos procedimentos dessa retificação era a inserção de um comentário irônico e “tendente a impedir a confusão entre eles e os objetos artísticos.” (PAZ, 2004: 20) No caso da Gioconda, juntamente com os bigodes, o comentário estava impresso na imagem- -linguagem L.H.O.O.Q., uma sequência de letras que foneticamente, em francês, soa como algo obsceno. Com Rose Sélavy, Duchamp nos lembra que a arte moderna nos diverte.”

Dinah Oliveira no catálogo da exposição Ingajá.

Na intenção de questionar a ausência de figuras femininas no protagonismo na história e na política, desconstruo o olhar austero dos governantes, de forma divertida e diversificada, com maquiagem estilo *drag queen*. Como desejo de ativação e intervenção no espaço, como um modo de propor uma transformação.

O título E.T.F.N.R. é uma paródia do que seria o significado de L.H.O.O.Q. traduzida para português, uma sigla para “ele tem fogo no rabo”.





E.T.F.N.R.



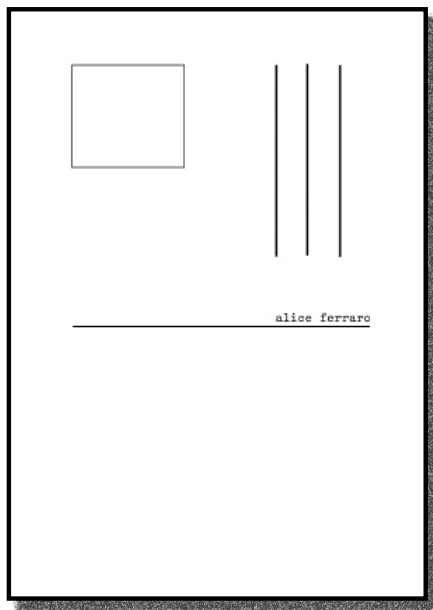
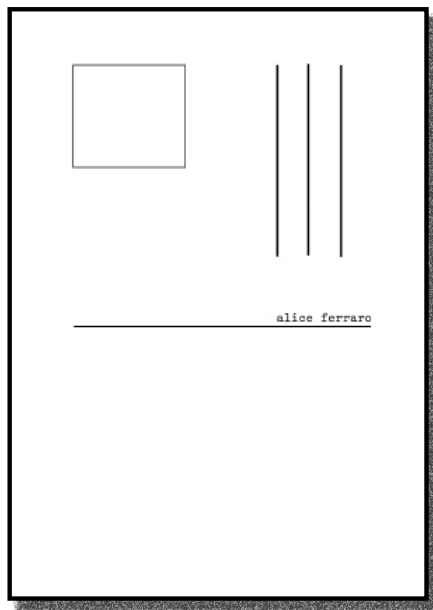
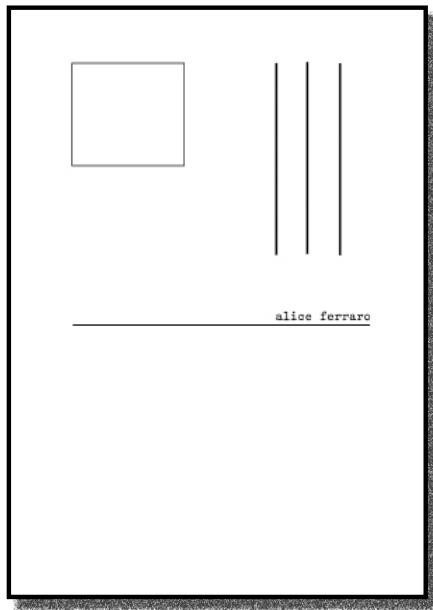
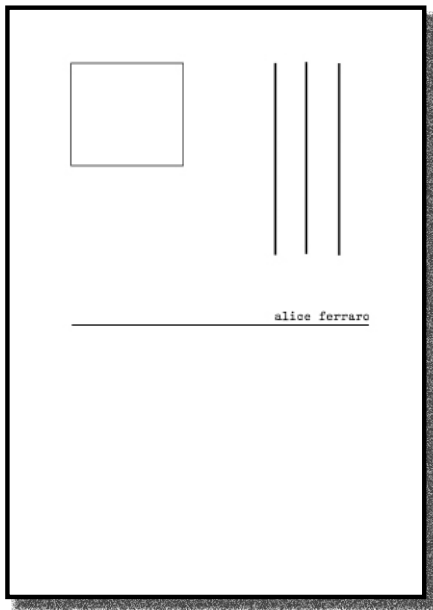
E.T.F.N.R.



E.T.F.N.R.



E.T.F.N.R.

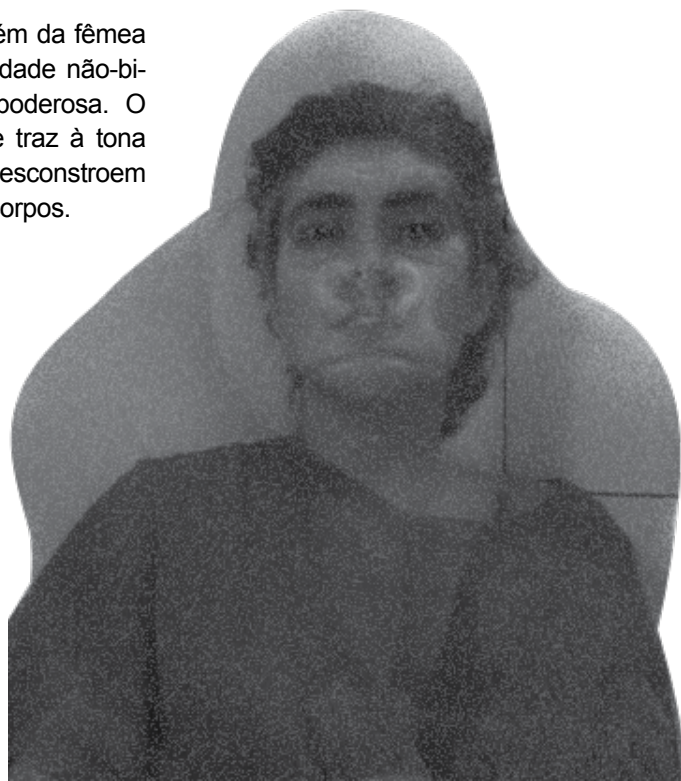


“King Kong, aqui, funciona como a metáfora de uma sexualidade que precede a distinção de gêneros tal como politicamente imposta no final do século XIX. King Kong encontra-se além da fêmea e além do macho. Esse ser está na encruzilhada ente o homem e o animal, o adulto e a criança, o bom e o mau, o primitivo e o civilizado, o branco e o preto. Híbrido, diante da obrigatoriedade do binário.”

DESPENTES, Virginie. Teoria King Kong, 2016

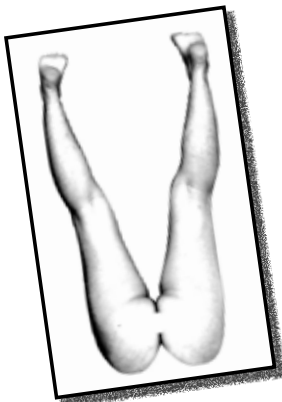
Me inspiro no livro Teoria King Kong de Virginie Despentes, onde ela aborda questões sobre gênero, feminilidade, corpos femininos e política. Despentes denuncia contradições do ideal de produção de uma “super mulher” (DESPENTES, 2006), expondo o projeto político de fazer com que mulheres se sintam fracasadas e subalternizadas.

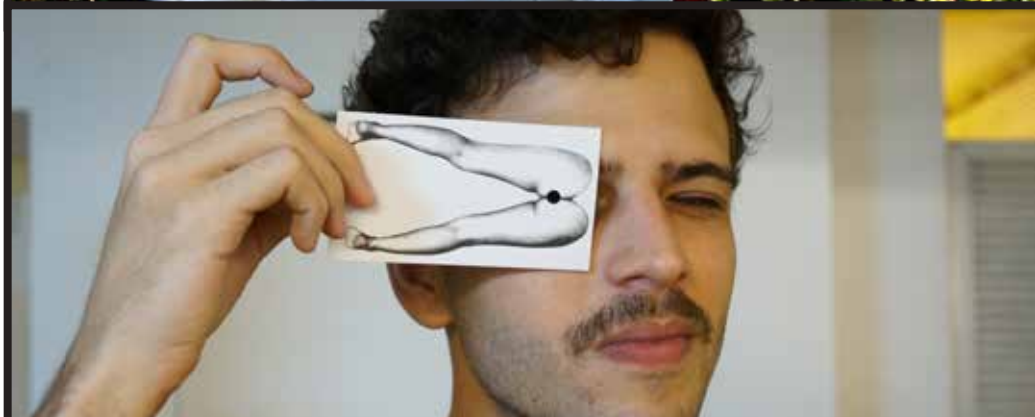
King Kong encontra-se além da fêmea e do macho, uma sexualidade não-binária, polimorfa e superpoderosa. O livro é uma denúncia que traz à tona posições teóricas que desconstroem representações sobre os corpos.



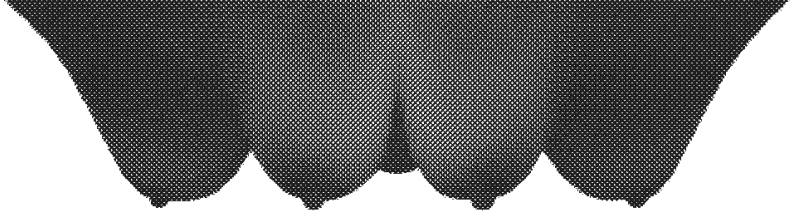
A mídia ainda perpetua estereótipos sexistas, retratando mulheres em papéis sexualizados e degradantes. Homens aparecem como figuras ativas e poderosas, enquanto mulheres são passivas e representadas como objeto de desejo. (PATER, 2018) As estruturas patriarcais de produção cultural censuravam a sexualidade das mulheres na arte, no cinema e na literatura. Agora, a representação de corpos femininos é hipersexualizada e explícita, e as estruturas de produção permanecem igualmente patriarcais. A desestigmatização da sexualidade desses corpos é vista como uma libertação sexual, mas também contribui com a fetichização do corpo como objeto sexual.

Olho Mágico é uma série de adesivos fixados e distribuídos em lugares estratégicos, que criam atritos com o corpo, como uma prática para refletir sobre sexualidade e o corpo próprio no espaço. No *Manifesto Contrasexual* (2000), Paul B. Preciado discute sobre tudo aquilo que se entende por sexualidade, propondo práticas que rompem a ideia de heteronormatividade. Os estereótipos homem/mulher, homo/hétero, natural/artificial são despedaçados através das análises que o autor faz sobre o dildo e a história do orgasmo, aprofundando-se nas contradições relacionadas às noções contemporâneas de gênero e desejo. A contrasexualidade é uma teoria do corpo como estratégia de resistência.









Queda Livre é uma escultura/objeto interativo, uma placa de três quilos de silicone, esculpida em barro e moldada em gesso, coberta por tetas de diversos formatos. O silicone é um material geralmente usado para se alcançar padrões estéticos impostos culturalmente. No texto de Vilém Flusser *A Arte, o Belo e o Agradável*, padrões são modelos (FLUSSER, 1975). Um modelo evidente gera uma experiência no observador que causa uma transformação criando um novo modelo. A mídia tem um grande impacto na nossa sociedade e com as novas tecnologias, a estética ficou ainda mais mutável. A imagem é uma forma de linguagem, de comunicação. Ao observar como a história foi registrada, entendemos o papel-chave da mídia em definir nossa identidade.

Queda Livre
objeto
2017



“As imagens pornográficas, os filmes, as fotos de revistas, os pôsteres publicitários que vemos nas paredes das cidades, constituem um discurso, e este discurso cobre o nosso mundo com os seus signos, tem um significado: as mulheres são dominadas.”

WITTIG, Monique. O Pensamento Hetero 1980

Mulheres aparecem em revistas e propagandas como passivas e sexualmente disponíveis, sendo representadas apenas como um pedaço de carne. Com o corpo voltado para o espectador, oferece sua imagem para ser consumida. Fiz uma série de intervenções em revistas Playboy que meu avô materno me deixou como herança. Ele tinha um quarto só para guardar a sua coleção. Eu vivia curiosa e de vez em quando roubava a chave pra ficar olhando os corpos nus das mulheres na revista. Corpos hipersexualizados e artificiais, referência para muitas pessoas que acabam tendo algum distúrbio pela busca inalcançável da perfeição.



Sem Título
intervenção em revista
2017



Camisinha Prudence

It's your turn to feel

Prudence é a camisinha que não deixa nada escapar. Com o seu design inovador e a sua tecnologia de ponta, Prudence é a camisinha que não deixa nada escapar. É a camisinha que não deixa nada escapar. É a camisinha que não deixa nada escapar.

PRUDENCE COM O PRUDENCE

CURVAS PERFEITAS

Perfeta é aquela que não se deixa levar por nada. É aquela que não se deixa levar por nada. É aquela que não se deixa levar por nada. É aquela que não se deixa levar por nada.

ISSO É QUE É "PRESIDENTA"!

É a mulher que não se deixa levar por nada. É a mulher que não se deixa levar por nada. É a mulher que não se deixa levar por nada. É a mulher que não se deixa levar por nada.

COELHINHAS

COELHINHAS

BELEZA INTERIOR

É a beleza que não se deixa levar por nada. É a beleza que não se deixa levar por nada. É a beleza que não se deixa levar por nada. É a beleza que não se deixa levar por nada.

PLAYBOY

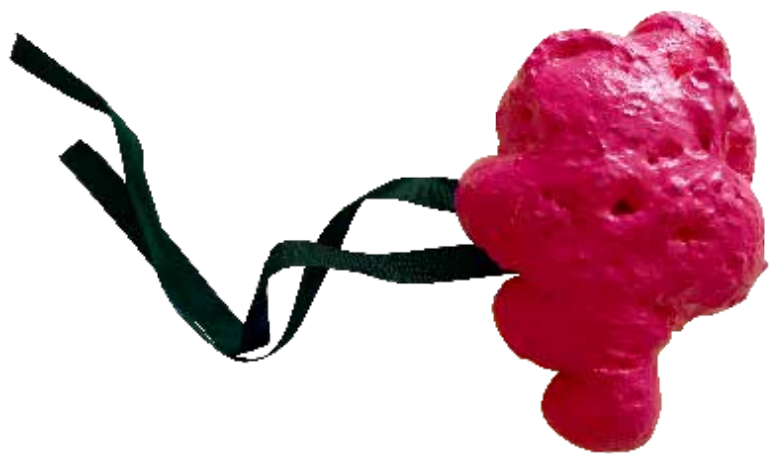
ARTES & ESTILO

JACQUE

ALGUMAS BOMAS APRESENTAMAS AT Nº 888

NEURÔNIOS

BIG KAHONG



“A presença dessa gosma/carne agride a lógica da sociedade narcisista e do regime ideal de representação da imagem. Agora, o rosto enquanto carne priva-se de identidade. A obra suscita a relação paradoxal entre atração e repulsão simultaneamente. Temos o impulso de experimentá-lo, pelo habitual gesto corriqueiro de olhar-se no espelho. Entretanto, a materialidade da gosma nos afasta. A obra reduz tudo o que é humano ao seu elemento de base, isto é, à matéria, à carne, em outros trabalhos e séries de colagens, manifestando sua inquietude diante da repulsa dessa carne, mas também pelo papel dos sentidos em nossa experiência estética visual.”

Bruna Levi no catálogo da VI Bienal EBA/UFRJ

Dando continuidade à reflexão apresentada no texto *Sou a favor de uma arte* de Claes Oldenburg (OLDENBURG, 1961) sobre a desconstrução da ideia de uma arte ideal, a liberdade de fazer do artista e de criar algo não necessariamente bem aceito pela sociedade; sou a favor de uma arte grotesca, uma arte gosmenta. Assim, investigo um elemento fundamental em uma série de trabalhos: a gosma. A gosma cor-de-rosa forma e deforma os corpos, sendo repulsiva e atraente ao mesmo tempo. A cor é um dispositivo de definição de gênero; o rosa representa algo que é definido como feminino. Mascara o rosto com gosma é uma forma de análise sobre a subjetividade dos corpos.

Sem Título

espelho e poliuretano
2017

Objeto-Abjeto

máscara de poliuretano
2018



“As mulheres não passam de beldades na cultura masculina para que essa cultura possa continuar sendo masculina. Quando as mulheres na cultura demonstram personalidade, elas não são desejáveis, em contraste com a imagem desejável da ingênua sem malícia.”

WOLF, Naomi. O Mito da Beleza, 1992

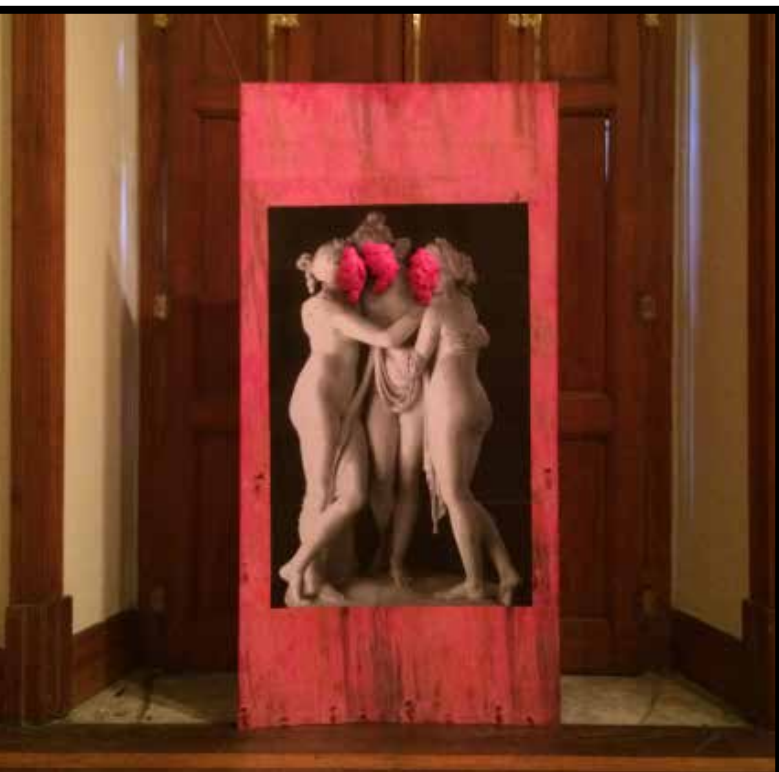


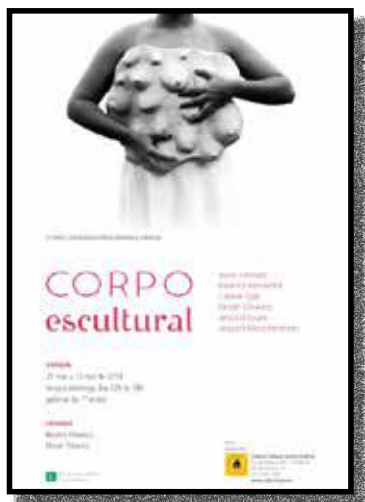
Títtere é uma performance em que, mascarada com o *objeto-abjeto*, faço diversas poses, como um manequim. O retrato de um modelo de corpo ideal e inatingível ainda é existente na sociedade do consumo. A beleza é terrível. Ela nos propõe uma modificação da experiência do real (FLUSSER, 1975). A ideia do que é feio ou belo é um reflexo da sociedade, que vem criando padrões estéticos que mudam conforme os anos passam. O belo não tem uma definição específica.

Beleza é estar em constante mutação.

Títtere
videoperformance
1'00"
2018







Corpo Escultural ↑ foi uma mostra coletiva realizada no Centro Cultural da Justiça Federal em 2018. Entre performances coletivas, como *Gosma Profana*, e conversas com artistas convidadas, a exposição do lambe-lambe feito em cópia-xerox, colado sobre um tapume de obra, leva para o museu um confronto direto com o espaço. Refletindo sobre tempo e reprodutibilidade como uma crítica à política de imagem de corpos padronizados. As esculturas são representadas sem expressões de alguma emoção mais intensa (GOMBRICH, 1950). O rosto apático desfigura-se sob a gosma rompendo com qualquer ideia de harmonia.

Sem Título
 lambe-lambe sobre
 tapume
 2018





O modo de representação dos corpos funciona como uma maneira de controlar e determinar a sexualidade e os comportamentos das pessoas. Os quadros que circulavam nas grandes galerias retratavam corpos idealizados, que denotavam padrões sociais vigentes e cujos comportamentos deveriam ser seguidos. A historiadora Lynda Nead explica que o surgimento de um gênero pictórico como o “nu feminino” (NEAD, 1992) foi um ato de regulação, e que uma de suas principais finalidades teria sido conter e regular o corpo sexual de mulheres.



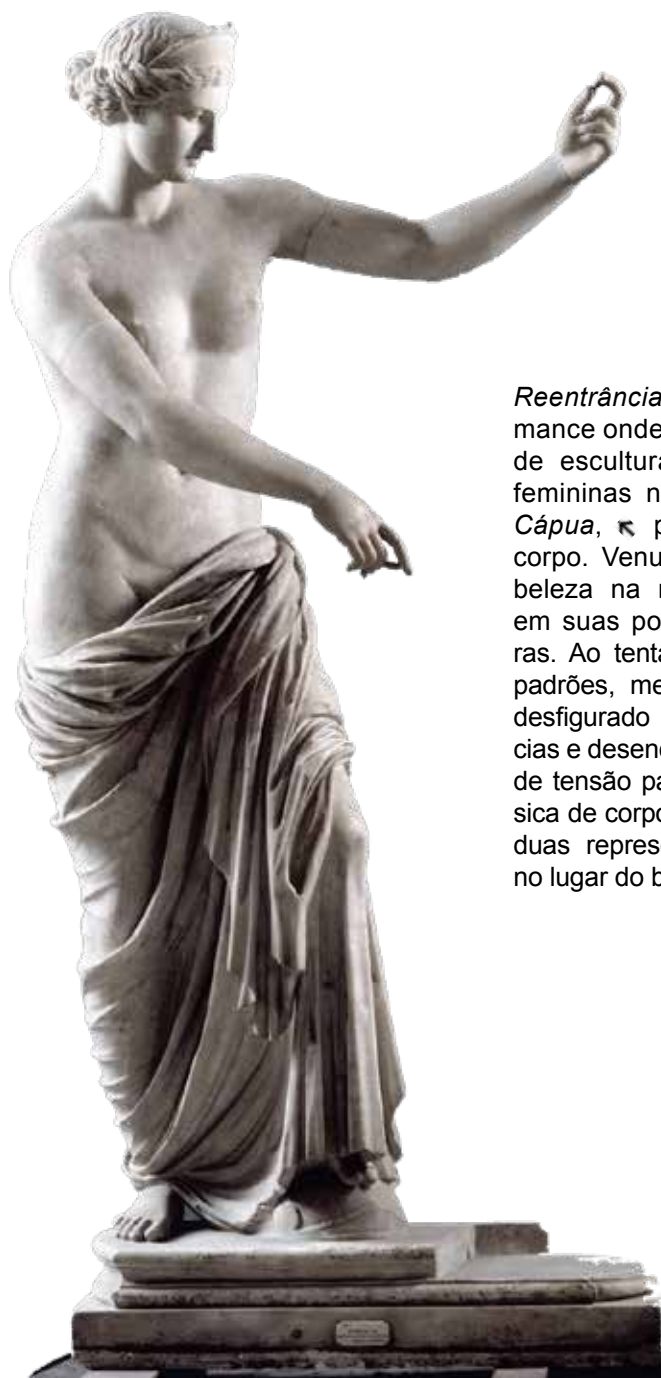
Na Grécia antiga, a estátua *Afrodite de Cnido* revolucionou o movimento artístico da época. Uma figura feminina nua fazendo uma pose com sua mão diante dos órgãos genitais. Os gregos empenhavam-se em buscar como representar corpos ideais. Escultores observavam o maior número possível de modelos e eliminavam características de que não gostassem (GOMBRICH, 1950). Reproduziam a aparência de alguém real, omitindo eventuais defeitos ou traços que não estivessem harmonizando sua ideia de corpo perfeito, uma natureza idealizada.



Gosma Profana

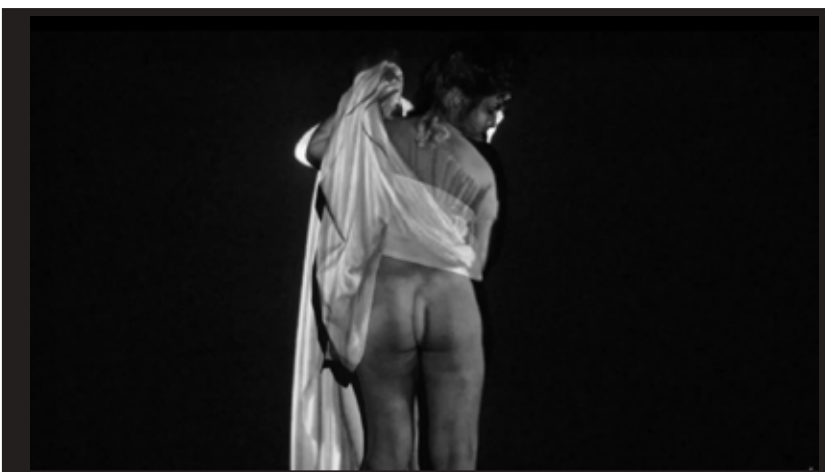
performance coletiva

2018



Reentrância é uma video-performance onde me aproprio da imagem de esculturas clássicas de figuras femininas nuas, como a *Vênus de Cápua*, e projetando-as sobre meu corpo. Venus e Afrodite, deusas da beleza na mitologia greco-romana, em suas poses graciosas e sedutoras. Ao tentar me encaixar em seus padrões, me transformo em um ser desfigurado pelas sombras, reentrâncias e desencaixes, criando um campo de tensão para a representação clássica de corpos femininos. Sobrepondo duas representações visuais, coloco no lugar do belo, a deformidade.

Reentrância
videoperformance
1'48"
2018



“Nossa sobrevivência exige que contribuamos com toda nossa força para destruir a classe das mulheres da qual os homens se apropriaram. Isto só pode ser alcançado pela destruição da heterossexualidade como um sistema social baseado na opressão das mulheres pelos homens e que produz a doutrina da diferença entre os sexos para justificar essa opressão”

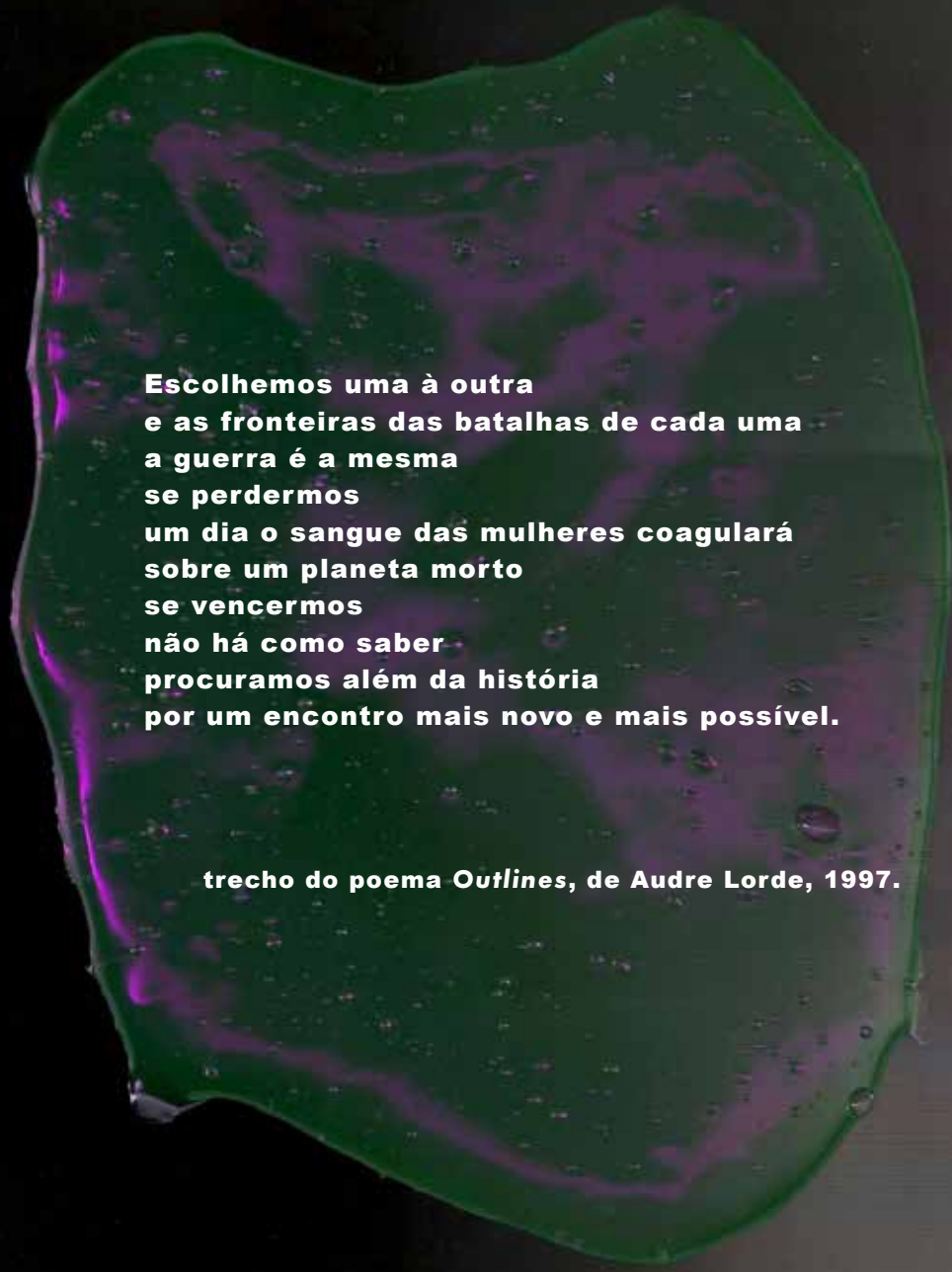
WITTIG, Monique. Ninguém Nasce Mulher 1970.

Uma outra possibilidade de existir.

Quando se analisa a opressão das mulheres com um enfoque feminista e materialista (WITTIG, 1970), se destrói a ideia de que mulher é um grupo natural. É preciso romper com a ideia de que gênero é biológico. Wittig pensa uma outra possibilidade de existir em um mundo sem mulheres nem homens, um mundo sem divisão de gênero. Uma crítica através de um pensamento teórico, construindo uma utopia, um mundo sem definições de classe do patriarcado - homem/mulher - masculino/feminino - pautadas em uma relação de poder e opressão, onde o discurso e a linguagem não são construídos a partir da heteronormatividade.

Acredito na arte como força política, coexistindo no espaço entre pensar e sentir. Refletindo sobre as mudanças que podem se dar acessando outros corpos, pensando em existir como ferramenta de transformação. Uma extensão válida para sonhar utopias e reinventar a realidade. Arte como um espaço seguro para a existência.





**Escolhemos uma à outra
e as fronteiras das batalhas de cada uma
a guerra é a mesma
se perdermos
um dia o sangue das mulheres coagulará
sobre um planeta morto
se vencermos
não há como saber
procuramos além da história
por um encontro mais novo e mais possível.**

trecho do poema *Outlines*, de Audre Lorde, 1997.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- DE BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. São Paulo: n-1 edições, 2016.
- FERREIRA, Glória. *Escritos de Artistas: anos 60/70*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- GOMBRICH, Ernst Hans. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2013.
- HOOKS, Bell. *E Eu Não Sou Uma Mulher?* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2016.
- LORDE, Audre. *The Collected Poems of Audre Lorde*. New York: W. W. Norton & Company, 1997.
- PATER, Ruben. *Políticas do Design*. São Paulo: Ubu, 2020.
- PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- WITTIG, Monique. *The Straight Mind and other Essays*. Boston: Beacon, 1992.
- WOLF, Naomi. *O Mito da Beleza*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.



3. CADERNO ESPECIAL



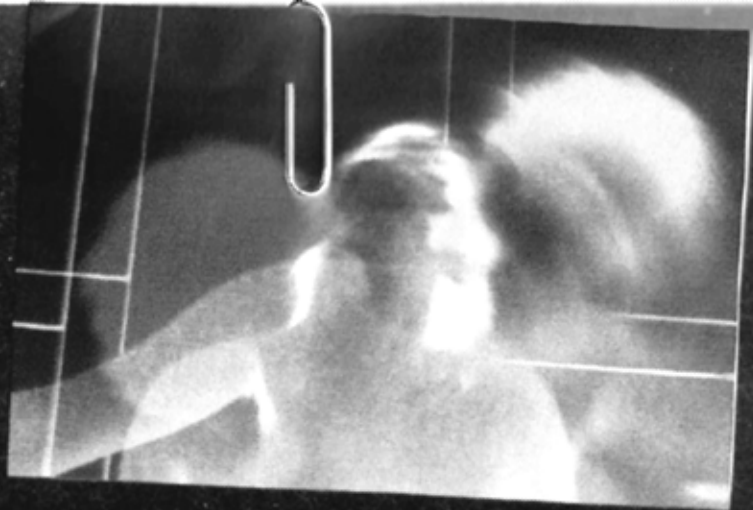




minino | *Female*

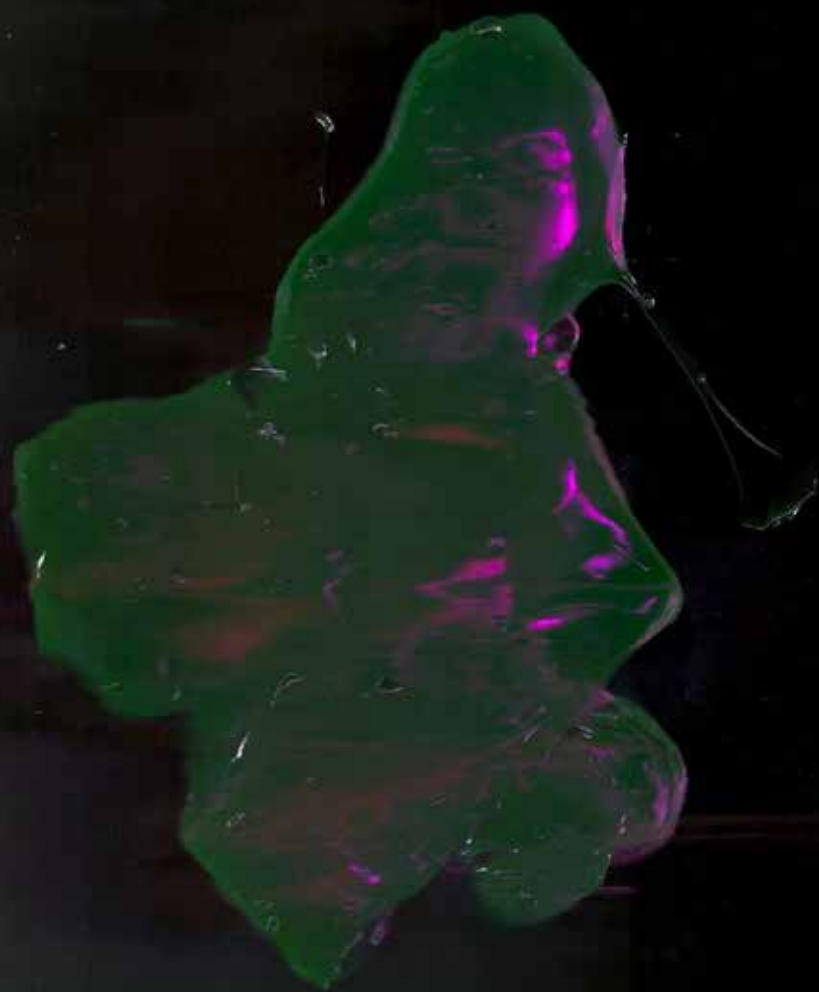






VIRILHA

VIRIL



FAÇA VOCÊ MESMO







VIVO

21:42

Gênero



Original



Feminino



Másculo

Cancelar

Aplicar

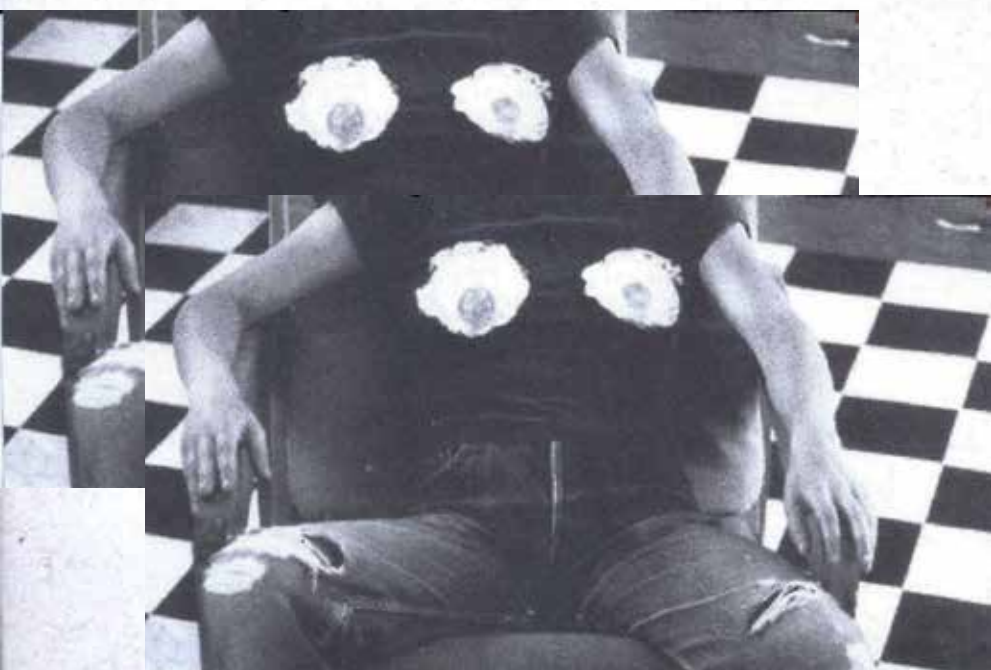


fiz um passeio pelo meu corpo
comecei pelos pés e depois fui pra
cabeça, me encontrando
no centro do umbigo
estou aqui
mas quem sou
procuro reinventar todo dia
sinto que nada é definitivo,
nem o próprio corpo
penso na efemeridade da vida
penso na morte
volto ao meu corpo presente nesse espaço
agora pensando que sou definitiva no
sentido que nunca sairei
de meu próprio corpo





WHAT A
TETA



**EXISTIR
EM NO**

FORMA



101110









ELBOW WORK WITH TWO BALLS.







VALD7

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DA CASA CIVIL
DISTRAN - DIRETORIA DE IDENTIFICAÇÃO CIVIL



0202

Polegar Direito



Alexel
Assinatura do Titular

CARTEIRA DE IDENTIDADE



Imagine uma ditadu-
ra que não exista
nenhuma ~~linguagem~~ ~~linguagem~~.

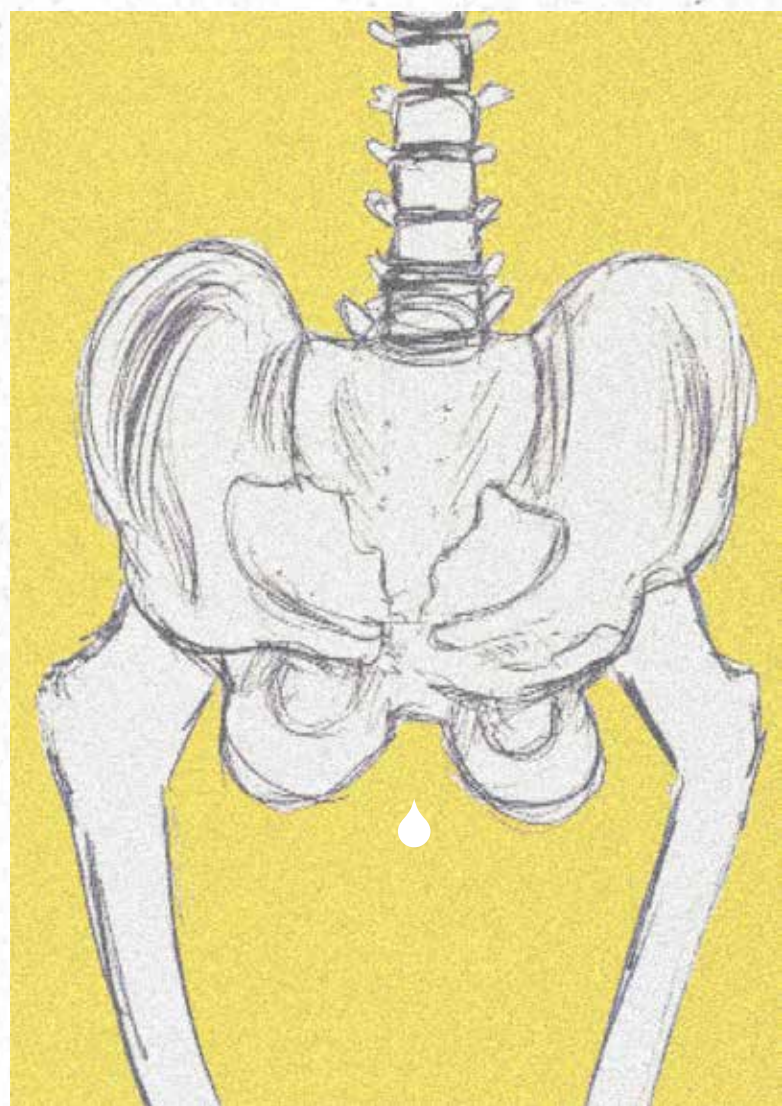
humanos descobrem que
a linguagem nasce

dentro de um corpo humano

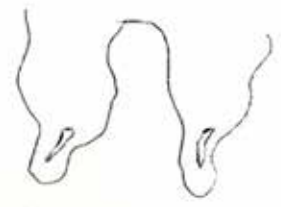
eu acho que eu não
consegue entender
meu corpo humano
relaciona a linguagem
dentro de um corpo humano
linguagem dentro de um corpo humano
linguagem dentro de um corpo humano











PROVOCAÇÃO
NO ESPECTADOR
DESCONFORTO DA
GRANDEZES GOSMA

CANAL CURVA site shoot yourself

PASSAGEM

limite da passagem

Henrique Oliveira → pesquisar

Nuno Ramos

Cozum

RELEVO
ASSEMBLAGE
PAISAGEM

NONO RITMO

relacionar estas

Angelo Venosa

Vulvos nos Anjos

5 a 10 páginas

Selecionar o texto

autor, título,
ano, lugar

fragmentos de texto

O Egito é a terra dos faraões...
As pirâmides passavam um tempo...
pôde aos olhos dos marceiros e...
sua dor. Depois era um ser...
após a morte, ascenderia...
junto dos deuses. Os faraões...
deixar as almas em...
ajudariam suas...
segunda parte da...
palestra. Era para a...
a primeira era...
romero para...
muros e...
auxílio...
mundo...
existência...
monarca em...
teclonice e...
depois de...
região...
referência...
em...
Tet...
face e...
C...
uso...
doub...
vivi...
a be...
obser...
cloro e...
de ser...



ALÍCE FERRARO

Artista visual, designer gráfico e tatuadora.
Graduanda em Artes Visuais na EBA/UFRJ.
Vive e trabalha no Rio de Janeiro, residiu quatro anos durante sua formação básica na Inglaterra.
Co-fundadora do projeto artístico Mina Preciosa.
Atua na equipe de design da revista Desvio.

@eualiceferraro
www.cargocollective.com/aliceferraro



